



DOSSIÊ

4 *Os sentidos de “trauma” na imprensa. Uma análise de discursos a partir de arquivos do Globo*

(The meanings of “trauma” in the press. An analysis of speeches from Globo archives)

Wedencley Alves¹ e Gabrielle Sevidanes²

1. Doutor em Linguística pela Universidade de Campinas (2007), com ênfase em Análise de Discurso. Professor e pesquisador da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da mesma universidade (PPGCOM-UFJF). Coordena o grupo Sensus – Comunicação e Discursos, com ênfase na articulação entre discurso, saúde e comunicação. No Programa atual de pesquisa, investiga a “Diagnóstica como uma questão discursiva”, levando em consideração a relevância das ambiências midiáticas para essa compreensão. ID Lattes: 9918620321007057. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3411-727X>.

2. A autora é graduada em Psicologia e em Artes pela UFJF, e mestranda do PPGCOM-UFJF. Pesquisa questões relativas a trauma e mídia. Atualmente, sob a perspectiva analítico-discursiva, desenvolve estudo sobre o caso Leila Cravo, a partir da retomada em podcast de ampla repercussão. Integra o grupo Sensus – Comunicação e Discursos. ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3607398883702486> ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0505-2021>.



Resumo – O objetivo deste estudo é compreender os sentidos de “trauma” na imprensa, a partir dos arquivos do jornal O Globo para o ano de 2023 até o mês de novembro. Trata-se de uma amostragem parcial dentro de um estudo mais amplo sobre como veículos de imprensa discursivizam este significante. Não é objetivo dessa perspectiva discursiva discutir “o que é o trauma”, numa abordagem propriamente clínica; mas entender a reprodução e deslocamento de sentidos sobre “trauma”, admitindo que a imprensa é um espaço social relevante dessa produção. Como resultado parcial dessa pesquisa, ainda em curso, foi possível perceber que há um processo de extensão semântica da palavra “trauma”, com deslizamento de sentidos – e, portanto, com provável efeito looping, de identificação – que o faz sinônimo de “tristeza”, “frustração”, “decepção”, entre outros, além propriamente de uma tipificação do “sofrimento psíquico” oferecida pelos discursos institucionalizados.

Palavras-chave: Discurso; Imprensa; Trauma; O Globo; Sentidos

Abstract – This study aims to understand the meanings of “trauma” in the press, based on the archives of the newspaper O Globo for the year 2023 until the month of November. This is a partial sampling within a broader study on how the press vehicles discursivize this significant. It is not the objective of this discursive perspective to discuss “what trauma is”, in a strictly clinical approach; but the reproduction and placement of meanings about “trauma”, admitting that the press is a relevant social space of this production. As a partial result of this ongoing research, it was possible to perceive that there is a process of semantic extension of the word “trauma”, with sliding of meanings – and, therefore, with the probability of a looping effect, of identification – which simultaneously makes it “sadness”, “frustration”, “disappointment”, among others, in addition to a typification of the “psychical suffering” offered by institutionalized discourses.

Keywords: Discourse; press; trauma; O Globo; meaning.

Introdução

A partir de uma perspectiva analítico-discursiva, a nomeação é tanto uma questão semântica quanto histórica, em que o Simbólico e o Político estão confrontados. Portanto, fenômenos linguísticos como a extensão semântica de um designador ou nome adquirem relevância não somente lexical, em que outros sentidos passam a ser considerados dentro de sua capacidade designativa, como também pode vir a ser vestígio de outra relação entre produção de sentidos e materialidade significante. Evidentemente, não há implicação direta de causa e consequência entre fenômenos de ordem significante e de ordem discursiva. Como dito acima, são vestígios, e como tais precisam ser observados em percursos empíricos de análise.

Neste texto, avançamos na tentativa de compreender os sentidos de “trauma” na imprensa, a partir dos arquivos do jornal O Globo para o ano de 2023 até o mês de novembro. O arquivo analítico, aqui apresentado, é derivado de uma amostragem parcial do acervo que vêm sendo mobilizado na tentativa de dar conta da seguinte questão: *Como veículos de imprensa discursivizam o significante “trauma”?*

Não é objetivo dessa perspectiva discursiva discutir “o que é o trauma”, numa abordagem propriamente clínica; mas entender a reprodução e deslocamento de sentidos sobre “trauma”, admitindo que a imprensa é um espaço social relevante dessa produção. Como resultado parcial dessa pesquisa ainda em curso, foi possível perceber que há um processo de extensão semântica mais ou menos consolidada – embora não saibamos responder exatamente quando propriamente esse movimento teve início – de agregação de outros sentidos de trauma, que não aqueles especificados pelas instituições clínicas e científicas.

O fenômeno da extensão semântica é materializado nas páginas do jornal, cujos textos funcionam para nós como locus de observação. Mais importante, no entanto, do que detectar esse movimento de sentidos, é articulá-lo com processos históricos, principalmente, no campo institucional – médico, jurídico etc. – e modos de subjetivação, a partir de efeitos de laço – ou looping.

Na primeira seção do artigo, empreende-se uma discussão conceitual sobre o trauma, uma vez que, embora os discursos institucionais não possam ser vistos como totalmente responsáveis por esses deslocamentos, servem naturalmente como ponto de referência para os usos sociais do termo. Na segunda



3. “Há algo de indizível no sofrimento”, dirá Wilkinson (2005), na sua tentativa de compreensão sociológica do sofrimento. Dentro de uma abordagem discursiva, Mariani tem importantes contribuições sobre a indizibilidade do trauma, ou a impotência das palavras (2016).

4. Podemos relacionar nosso ponto de vista discursivo com o importante ensaio de Fassin e Rechtman sobre a condição da vítima na atualidade (2009)

5. A mídia desempenha importante na “distribuição social” do reconhecimento de pessoas e grupos traumatizados, como já observara Vaz (2010) acerca da relação entre narrativas midiáticas sobre catástrofes e políticas do sofrimento.

seção, são apresentados alguns delimitadores metodológicos. Na terceira, traz-se resultados, análise e discussão a partir da amostragem do Globo, já observada sob o ponto de vista de um arquivo analítico - ou corpus.

Notas sobre o(s) conceito(s) de trauma

Este artigo propõe-se a projetar sobre “trauma” um olhar discursivo, cujo principal desafio é pôr sob perspectiva histórica os modos de significação daquilo que irrompe como um mal do sujeito, motivo de angústia, desalento e não raramente de desespero. Não se trata somente de uma discussão sobre o nome “trauma”, mas sobre os diferentes mapas de sentido que essa palavra carrega a cada época e a cada cenário discursivo, levando em consideração que, da mesma forma, atualiza e desloca memórias e arquivos. Esse processo é contínuo e corresponde tanto à fatores linguísticos quanto à esperança humana de dar sentido às suas angústias, medos e sofrimentos, mesmo que eles escapem em alguma medida dos discursos que tentam nomeá-lo, categorizá-lo, controlá-lo e mesmo curá-lo³.

Discursivamente, “trauma”, diferentemente da abordagem clínica, se nos aparece em perspectiva

crítica no encontro do “simbólico com o político”, o que significa levar em consideração que sentidos de trauma são constituídos materialmente em relações de força/poder entre grupos humanos e ao longo da história⁴.

Partindo de um exemplo simples e disponível para a observação cotidiana, vemos por exemplo que certos grupos sociais são mais suscetíveis que outros às discussões públicas, às pautas de mídia, e a políticas de cuidado em relação ao que seriam “seus traumas”. Há aqueles cujos modos de sofrimento e demandas de cuidado não são vistos como decorrentes de “traumas”. O termo sequer é mobilizado e, possivelmente, muitas pessoas passam por acontecimentos na vida e na história que poderiam ser definidos como “traumáticos”; mas esta “definição”, “categorização”, “diagnóstica” não lhes chegam. Por outro lado, outros tantos grupos sociais estão em situações pré-definidas como traumáticas, mesmo que não haja demanda por cuidado ou não apresentem verdadeiramente sinais de sofrimento⁵.

É nesse sentido que o olhar discursivo põe em contato o simbólico – a relação de sentidos, os modos de discursivização de um fenômeno ou acontecimento qualquer – e o político – as relações de força e poder na história (Orlandi, 2020).



6. Portanto, partimos do pressuposto teórico de que “significados” são “sentidos institucionalizados” ou “estabilizados”; há uma longa tradição de discussão sobre essa diferença, na Pragmática, na Semântica, na Filosofia da Linguagem e, também, na Análise de Discurso, com pequenas diferenças de concepção. Em AD, privilegia-se a compreensão da constituição, formulação e circulação de sentidos, aquém e além daquilo que se apresenta como “o significado” de uma palavra, de um termo ou expressão.

Além disso, há sentidos de “trauma” que se institucionalizaram e outros que não, mas circulam em sociedade. Alguns desses podem ser “detectados” na imprensa, embora sejam prevalentes os sentidos institucionalizados, e, portanto, tornados “significados de”⁶.

A palavra “trauma” tem origem do grego *τραυμα*, que significa “ferida”. Na medicina, bem como em outras áreas biomédicas do campo da saúde, o trauma está geralmente associado a lesões físicas e orgânicas no corpo, também chamado de “traumatismo” ou “trauma físico”. O trauma físico pode ser definido “pela invasão e golpeamento de um agente externo sobre o corpo físico que, por efeito desse mesmo golpe, é lesionado, ferido ou machucado” (Endo, 2013, p. 43).

Os campos “psi” (psicologia, psicanálise, psiquiatria) emprestaram a palavra, adotando por vezes o termo “trauma psicológico”, para atribuir outros sentidos ao termo. Para mencionar apenas alguns, e, começando pela Psicanálise, nas primeiras teorias de Freud, o conceito de trauma é introduzido como um “agente causador” de patologias. Ou seja, um acontecimento que marcará tão profundamente a vida do sujeito, que levará ao desenvolvimento de neurose. Segundo este autor,

Na neurose traumática não é o ferimento físico insignificante a causa efetiva da doença, mas o afeto de pavor, o trauma psíquico. De maneira análoga, para muitos, senão para a maioria dos sintomas histéricos, nossas investigações revelaram causas imediatas que devemos designar como traumas psíquicos. Toda vivência que suscita os penosos afetos de pavor, angústia, vergonha, dor psíquica, pode atuar como trauma psíquico; se isso de fato acontece depende, compreensivelmente, da sensibilidade da pessoa afetada. (Freud, 1893, p. 17).

Posteriormente, Freud ainda estabelece que o trauma não está no acontecimento, e sim na lembrança do evento traumático, no momento em que este é visto como tal. Muito embora tenha teorizado uma associação entre trauma e experiências de natureza sexual vivenciadas na infância, em 1920, após estudar as neuroses traumáticas causadas após a Primeira Guerra, o autor concebe a experiência traumática como capaz de atingir o sujeito também na idade adulta, agindo de forma independente do princípio do prazer (Favero, 2009).

Lacan, por sua vez, defende que o sujeito se constitui a partir da linguagem, mas que isso se faz



de maneira traumática. Para o autor, o trauma não é circunstancial, sendo parte da constituição do sujeito. Em Lacan, “trauma implica o encontro entre a palavra e o corpo, pois o que está em jogo é a falta radical de significantes para abordar a experiência pulsional” (Guzmán e Derzi, 2021, p. 11).

Numa leitura lacaniana, o trauma fundamental é o encontro com a linguagem. Assim, a partir do momento em que o sujeito recebe uma fala atributiva, ele se vê dividido entre as palavras recebidas e todas as outras que ficaram em suspenso. A percepção não é anulada, mas também não se inscreve simbolicamente na cadeia significante, permanecendo no psiquismo sempre pronta para irromper (Favero, 2009, p. 183).

As abordagens mais tradicionais da psicologia, sobretudo a terapia cognitivo-comportamental, comumente observam o trauma exclusivamente associado a uma doença ou transtorno (Poseck, Baquero e Jiménez, 2006). Já a versão mais recente do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), guia formulado pela Associação Americana de Psiquiatria (2013) e usado no mundo todo por psiquiatras, psicólogas e outros profissionais de

saúde mental, não inclui em seu glossário de termos técnicos a palavra “trauma”.

Na descrição das características diagnósticas do chamado Transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), o manual apresenta os seguintes exemplos para ilustrar o que seria um “evento traumático”:

Os eventos traumáticos [...] incluem, mas não se limitam a, exposição a guerra como combatente ou civil, ameaça ou ocorrência real de agressão física (ataque físico, assalto, furto, abuso físico infantil), ameaça ou ocorrência real de violência sexual (p. ex., penetração sexual forçada, penetração sexual facilitada por álcool/droga, contato sexual abusivo, abuso sexual sem contato, tráfico sexual), sequestro, ser mantido refém, ataque terrorista, tortura, encarceramento como prisioneiro de guerra, desastres naturais ou perpetrados pelo homem e acidentes automobilísticos graves (APA, 2013, p. 274).

Ainda a respeito do mesmo transtorno, o DSM-5 especifica que um dos critérios diagnósticos seria estar exposto a um evento traumático, seja vivenciando-o, testemunhando-o ou sabendo que determinado evento ocorreu com pessoa próxima.

Canavêz (2015) problematiza essa categorização



7. Essa linha de trabalho já foi exposta em outros textos, mas destaco aqui pelo menos dois: Nomear o mal: sentidos de psicopatia e sujeito psicopata no jornal O Globo”, em coautoria com Iara B. Campos (2017) e “Sentidos de Esquizofrenia na Imprensa: uma análise lexical de base discursiva em textos da Folha de S. Paulo”, com Nathalia Rippel e Camila Wendling (2021).

diagnóstica como uma espécie de economia moral que impõe uma identidade de vítima à pessoa diagnosticada. Para a autora, embora seja importante o reconhecimento e a legitimação da vítima, o acontecimento de um chamado “evento traumático” em si já antecipa a condição de vítima independente dos desdobramentos particulares de cada sujeito.

Observe-se que, portanto, a diagnóstica do trauma – ou seja, o conjunto de saberes que disputam a primazia da identificação, descrição e modos de cura – não é única nem uniforme e já variações de sentido inclusive dentro de uma mesma disciplina, como a psicanálise e diferentes correntes da psicologia. Portanto, podemos dizer que estamos diante de discursos sobre “trauma” – evitando assim a especificação “o trauma”, como um referente dado desde sempre.

Essas projeções de sentido sobre o significante “trauma” não poderão ser reduzidas a apenas uma diferença de definição, visto que, a depender do significado institucional atribuído, mobiliza-se um mapa muito diverso de significantes e sentidos, historicamente constituídos, e que constituem distintos “sujeitos do trauma”, e seus modos de identificação, narrativas que estabelecem distintas sequência de eventos, o estatuto do sofrimento, a distribuição política das vítimas.

Concorrem, no entanto, com esses sentidos institucionais e epistêmicos, outros ainda: aqueles mobilizados pelos meios de comunicação e redes, que acabam por se impor na sociedade, dada a centralidade das ambiências midiáticas, com sua capacidade de estabelecerem arquivos e cenários discursivos, no sentido de conjunto de discursos que de alguma forma concorrem ou se coadunam constituindo uma “atualidade”, sobre a qual incidem memória e acontecimento⁷.

É importante observar que as relações de sentido, tecnicamente, as matrizes de sentido que fazem circular o termo “trauma”, sejam elas materialmente vinculadas às instituições – científicas, políticas etc. – ou não, são capazes de constituir modos de interpelação-identificação no “mundo da vida” e só por isso mesmo adquirem alguma regularidade histórica.

Sujeitos sentem-se, dizem-se, pensam-se traumatizados segundo alguns discursos e não outros, visto que, para ficar no campo epistêmico, definições de trauma na psicanálise e na neuropsiquiatria, por exemplo, acabam, como vimos acima, sendo absolutamente distintos. Ainda que não tenham “consciência” dessa identificação, é sob uma e/ou outra matriz de sentido, nem sempre “epistêmica”, nem sempre legitimada institucionalmente, que sujeitos tentam

apreender seus males e sofrimentos e nelas se reconhecem.

Retomamos aqui a reflexão de Hacking (1995) em sua afirmação de que, num tempo em que as classificações são tão relevantes em nossas sociedades, acaba por ocorrer o *efeito looping* – sujeitos se percebem e se identificam nessas classificações. Há uma especial atenção para tipologias nosológicas em sua argumentação. Numa apropriação crítica dessa reflexão, reconhecemos sim a pertinência da hipótese do *efeito looping*, que denominaremos “efeito de laço”, mas pensado no quadro da Análise de Discurso como processo de interpelação/identificação dos sujeitos em certas formações discursivas.

A prevalência hoje do DSM-V, por exemplo, sobre as avaliações médico-psiquiátricas, com forte presença em meios de comunicação, “tipifica” sujeitos traumatizados a priori, num processo de diagnóstico dos eventos e não dos próprios sujeitos. No entanto, ao definir alguns eventos como traumáticos, estabelecem-se também um raio de exclusões e esquecimentos – seriam traumáticas a miséria, a desigualdade e a injustiça social?

Uma consequência desse discurso deessemista, por exemplo, é desencadear uma luta social pela inserção ou reconhecimento de eventos no rol dos

traumáticos, com implicações políticas, institucionais e mesmo mercadológicas (Fassin e Rechtman, 2009). Planos de saúde, por exemplo, podem autorizar ou não autorizar a cobertura de tratamentos para patologias pós-traumáticas, a depender da noção de evento traumático; o judiciário pode aceitar uma acusação, estabelecendo condições de vítimas e culpados, a depender de que evento traumático foi reconhecido como tal.

Daí o interesse de observar de que modo jornais, especialmente, um dos principais veículos do país, como O Globo, vem designando trauma. Esse estudo de atualidade se enquadra a uma pesquisa maior, que pretende fazer o levantamento histórico-discursivo dos sentidos mobilizados em arquivos de imprensa sobre trauma.

Considerações metodológicas

Para esse estudo, foi realizada busca pelo designador ‘trauma’ no acervo d’O Globo, sem derivações lexicais (como traumatismo, traumatização, traumatizado etc.). A busca leva em consideração o designador e os recortes de cotexto.

Linguisticamente, o contexto é o segmento tex-



8. E mesmo que aparecessem de forma isolada, ainda, assim carregariam consigo sequências ou encadeamentos significantes latentes, graças a dominância de algumas formações discursivas sobre outras, que só apareceriam textualizadas.

9. A pesquisa a que esse estudo pertence trabalha com longo termo.

10. O conceito de ponto de basta ou estofo é laciano (1999); a percepção de que os discursos são rarefeitos vem de Foucault (2010).

tual onde o termo buscado aparece, e esse tipo de recorte atende ao princípio de que é na *cadeia de significantes* que se podem identificar, para efeitos de análise, os efeitos de sentidos – que é a própria definição de discurso – a partir de um processo contínuo de remissões. Como exemplo, pode-se citar, cotextos em que poderiam aparecer “trauma («—) familiar” e “trauma («—) físico”, em que o significante seguinte redefine semanticamente o termo de busca.

Esse processo de significação não se dá de forma imanente no texto; “trauma”, “físico” e “familiar”, enquanto significantes, estão indexados a processos discursivos, que já constituíram na memória um conjunto de sentidos possíveis⁸; mas é na formalização (ou textualização) que essa memória discursiva se realiza efetivamente, ao menos para o analista, a partir de processos de encaixes e desencaixes sintáticos. remissões tanto anafóricas, quanto catafóricas, que vão reproduzindo e deslocando “efeitos de sentido” ao longo do texto e mesmo nas relações intertextuais.

Portanto, o recorte contextual é um procedimento metodológico que permite identificar na sequência textual *vestígios* de formações discursivas ou matrizes de sentido, historicamente constituídas. Esses vestígios – constituídos na relação entre discurso e texto – são propriamente os “enunciados”. A análise

de enunciados também permite revelar indícios – a relação entre os discursos e a história – e sintomas – a relação entre discurso e sujeitos.

recorte temporal desse estudo parcial foi breve. Foram consideradas apenas as ocorrências do ano de 2023 até o mês de novembro⁹. Em Análise de Discurso, a amostragem não precisa ser exaustiva, graças ao fenômeno de saturação – em algum momento, ao longo da cadeia significante, os sentidos encontram o seu ponto de basta – e da rarefação – os discursos não se proliferam indefinidamente, porque há condições históricas de restrição e disponibilidade. A partir do momento em que regularidades – as próprias matrizes de sentido, portanto – são identificadas o analista passa a buscar outras regularidades possíveis até o ponto em que deixam de ocorrer¹⁰.

Na busca foram coletadas 34 sequências textuais (STs). É preciso lembrar que não há coincidência quantitativa entre sequência textual – em que aparecem as relações contextuais entre o item lexical buscado e outros itens que o redefinem – e enunciados. Na primeira temos uma materialidade significativa/linguística; nos segundos, a materialidade discursiva. Uma sequência pode revelar mais de um enunciado, inclusive em relação de contradição. As STs são *locus de observação* dos processos discursivos.



Resultados, análise e discussão

O arquivo analítico revelou trajetórias temáticas, que aqui enumeramos como: “trauma como efeito de guerras, atentados e graves crises políticas”; “trauma como efeito de violência (física, psicológica e simbólica)”, “trauma como efeito de acidentes e desastres”; “trauma como efeito de condições sociais adversas”; e “trauma como efeito de tragédias socioambientais e sanitárias”. Após cada conjunto de STs tematizados, o leitor encontrará comentários e sínteses.

Trauma como efeito de guerras, atentados e graves crises políticas

ST1 – Israel relata traumas e danos físicos em crianças e adolescentes libertados pelo Hamas... (28/11/2023)

ST2 – Dor, trauma e vingança: um mês depois do atentado, discurso que criminaliza civis de Gaza ganha força em Israel. 07/11/2023

ST3 – Trauma da ocupação israelense é tema

central da literatura palestina, que ganha espaço no Brasil.

01/11/2023

ST4 – Ansiedade, insônia, traumas: Como psicóloga ajuda brasileiros em Gaza

12/10/2023

ST5 - Soldados da Ucrânia travam batalha de traumas psíquicos, e não só destruição física, em guerra contra Rússia

16/08/2023

ST6 – Retorno de Bolsonaro coloca Brasília sob ‘alerta vermelho’ por trauma do 8 de janeiro

29/03/2023

Comentário e síntese

De ST1 A ST5 prevalece o sentido de “evento traumático”, sustentado hoje pela matriz institucional da neuropsiquiatria. Ainda que nem todas as reportagens tenham mobilizado especialistas deste campo específico para dar seu parecer sobre a relação entre as guerras e os efeitos psíquicos, a força deste sentido de trauma – com o consequente deslo-

11. Pêcheux, em sua teorização, prevê dois modos de incidência do interdiscurso – “o todo complexo à dominante”, isto é, predominantemente, “de formações discursivas” – sobre a superfície discursiva, o fio textual, e que na verdade o constituem dotando-o de sentido: o pré-construído, aquele que tomamos como já-sabido, já-dado; e o “discurso transversal”, aquele que produz sustentação, e que pode vir à tona como explicação, verdade asseverada por um discurso-outro, responsável implicitamente pela “concatenação” de sentidos. Ver a formulação original do autor em Pêcheux (2014, p. 153).

camento do diagnóstico do sujeito para o diagnóstico do evento – se impõe de tal forma que, nas reportagens consultadas, aparecem como discurso-transverso – o discurso que, nesse caso, proveniente de um campo especializado, lastreia e dá sentido ao texto jornalístico, ainda que não ali esteja explicitado¹¹.

Esta institucionalização do “diagnóstico do evento”, com a força institucional e global, do DSM, da Associação Americana de Psiquiatria, acaba por comparecer como percebemos de modo bastante recorrente na imprensa. E de tal modo que, no ST6, ela aparece não mais como um efeito sobre o sujeito, mas sobre as institucionais nacionais.

Há efeitos discursivos interessantes desse deslocamento do “diagnóstico do sujeito” para o “diagnóstico do evento” em se tratando de autolegitimação da condição de sofrimento. O evento, por si só, irá asseverar essa condição, mas é ilusório acreditar que todos os eventos, ainda que partam da mesma categoria – as guerras, como exemplo – resultarão na mesma atenção da imprensa, esse importante espaço de captura e reprodução de sentidos. À mesma época do início e primeiro ano da tragédia bélica da Ucrânia, não era dada a mesma atenção aos mais de 20 conflitos armados em África, com consequências nefastas sobre a população civil.

Trauma como efeito de violência (física, psicológica, simbólica)

ST7 – Entenda por que Adriana Esteves não aceitou convite para remake de 'Renascer', após trauma no passado.
30/10/2023

ST8 – 'Um trauma para uma vida inteira', diz avó de recém-nascido encontrado após ser levado de maternidade.
01/11/2023

ST9 – O que é trauma intergeracional?...
09/10/2023

ST10 – Ingrid Guimarães: 'A capacidade de transformar o trauma em humor salva'
03/09/2023

ST11 – Gwyneth Paltrow revela que consultou filhos de pais separados antes de se divorciar de Chris Martin: 'Evitar traumas'
19/10/2023



ST12 – Xuxa revisita trauma dos abusos em último episódio de documentário do Globoplay
10/08/2023

ST13 – ‘Sentimento extremo de vergonha’: vítima suíça de Brennand relatou estupros, agressões e trauma após relacionamento
14/07/2023

ST14 – Trauma, solidão e paranoia: como a cultura do cancelamento deteriora a saúde mental
27/05/2023

ST15 – Hipnose contra o trauma da violência: terapia oferecida pelo SUS ajuda a superar sequelas da agressão doméstica.
11/06/2023

ST16 – Personagens de documentários famosos falam sobre trauma (e orgulho) de ter vidas expostas em filme.
12/04/2023

ST17 – Helen Ganzarolli faz novo desabafo sobre golpe de R\$ 2,5 mi que levou do ex: 'Trau-

ma emocional'.
21/04/2023

ST18 – 'Fui violada durante a vida toda', diz Paris Hilton sobre sexismo e o trauma da fama nos anos 2000.
25/03/2023

ST19 – Menina baleada no Tabajaras deve voltar para casa até sexta-feira; pai luta para tirar trauma dos irmãos
20/03/2023

ST20 – Balão Mágico: série documental reúne formação original da turma para reviver o sucesso e os traumas.
12/07/2023

ST21 – Luedji Luna: Prestes a iniciar turnê europeia, cantora fala sobre traumas da juventude e bissexualidade.
30/04/2023

ST22 – Conar pede alteração em anúncio de ervas que propõe curar traumas sexuais



12. O acervo do Globo, desde 1925, mostra-nos um aumento considerável da ocorrência do signifiante trauma nas décadas de 70, 80 e 90, com posterior declínio. A investigação em curso ainda não tem condições de oferecer compreensões sobre esse movimento de ocorrência e frequência lexical e discursiva, mas para efeito de ilustração trazemos aqui alguns dados quantitativos: são 23 páginas de jornal em que há ocorrências na década de 20 – a partir do ano de 1925; 66 na década de 30; 124 na década de 40 – a década do desdobramento mais brutal da II Guerra; 317 matérias encontradas com o termo na década de 50; 563, na década de 60; 1439, na década de 70; 3138, na década de 80; 4661, na década de 90; 4373, na primeira década do ano 2000 – portanto, a primeira vez na história em que houve declínio de ocorrências; 3629, na década de 2010; 921 em três anos desta década de 20, apontando surpreendentemente para uma declínio acentuado, em que pese a extensão semântica detectada. Há variáveis a serem consideradas, como o volume das edições a partir do avanço na industrialização dos

06/03/2023

ST23 – Irmã diz que torce para Larissa ficar com Fred após o 'BBB' e lembra relacionamento abusivo que ela teve: 'Muitos traumas'

31/03/2023

ST24 – PM tem direito à reforma por traumas psicológicos causados pela função policial, decide Justiça do Rio

05/03/2023

ST25 – Giulia Costa opta pela carreira do pai, Marcos Paulo, e cita traumas com exposição da vida de atriz: 'A pressão estética é a pior parte'

18/03/2023

Comentário e síntese

Apesar de reunidos na mesma categoria, temos acima um conjunto bastante heterogêneo de nomeações do trauma. A começar pelos casos de pessoas públicas, em geral do meio artístico, que sofreram críticas ou reprovações públicas. Discursivamente, não há propriamente sinônimos de origem, mas “estados de sinonímia”, resultado de um processo

discursivo, constituído na história, o que pode ser observado mesmo pelo leigo no modo como os dicionários, uma tecnologia linguística, são obrigados a atualizar as entradas lexicais e seus definidores.

Podemos dizer, nesse primeiro momento do estudo, que em ST7, ST10, ST14, ST15, ST20 e ST25, temos não somente uma “denominação de imprensa”, mas exemplos de auto-identificação dos personagens das matérias com a condição de “traumatizados”. Essa tipificação semântica do eu-traumatizado levou-nos a recorrer ao conceito de efeito looping, de Hacking (1995), ou “efeito de laço”, como propusemos, o modo como sujeitos sociais se identificam com novos nomes sobre suas condições físicas, psíquicas, mas também institucionais.

Nessas sequências textuais, trauma aparece em estado de sinonímia com “vergonha”, “frustração”, “sentimento de reprovação” por exposição pública etc. Em síntese, são situações decorrentes de reprovação ou críticas públicas, ou situações embaraçosas na carreira.

Não é possível asseverar que essa circulação da noção de trauma é propriamente recente ou antiga, mas alguns levantamentos prévios mostram que, ao menos, é mais recorrente¹² desde a década de 70; e pode ser por esse mesmo motivo, além da generali-



veículos, a entrada em cena de outros meios no ecossistema midiático; os movimentos de capilarização da imprensa no tecido social; mudança de formas discursivas ao longo do tema; para ficar nos exemplos “endógenos” à imprensa. Mas há ainda mudanças nas relações de força entre os próprios discursivos institucionalizados, evidentemente, e essa variável tem um valor acentuado em nossa investigação.

13. Sobre os efeitos da “virada epigenética” sobre concepções sociais, ver Meloni e Testa (2014)

WEDENCLEY ALVES E GABRIELLE SEVIDANES

zação do sentido de “efeito traumático”, que assistimos a uma explosão de uso desde então.

O sentido de evento traumático ressurgiu aqui em algumas ocorrências: em ST9, a depoente na reportagem assegura que seu neto estará traumatizado com um caso de troca de bebês em maternidade; em ST9, a reportagem recupera uma discussão atual, que ganhou força a partir da epigenética, de que traumas vividos a partir de eventos em uma geração, terá repercussões nas gerações futuras¹³; em ST11, ST22 e ST23, são percepções de trauma a partir de relacionamentos pessoais; e nas demais sequências, o item lexical aparece na denominação de efeitos de violência urbana e sexual; mais próximos aos reconhecidos pelos discursos institucionais.

Trauma como efeito de acidentes

ST26 – Caso Kayky Brito: Bruno de Luca diz à polícia que, devido a trauma, não se recorda como voltou para casa.
06/09/2023

ST27 – Gustavo Corasini fala do retorno à TV após atropelamento e diz que superou trau-

ma; mãe conta o que houve com a responsável pelo acidente
01/09/2023

ST28 – Trauma torácico: entenda a lesão de Jeremy Renner, o ator de 'Gavião Arqueiro'
04/01/2023

ST29 – Acidente de ônibus: sobrevivente que abriu caminho no mato para pedir socorro convive com o trauma.
02/02/2023

Comentário e síntese

Percebemos que o sentido de “trauma físico” é muito menos recorrente do que “trauma psíquico”, e algumas derivações como “trauma afetivo” o “trauma emocional”. Neste estudo, vemos como é raro o aparecimento deste sentido, aqui exemplificado por ST28.

Cabe uma observação sobre os deslocamentos de sentido de trauma na história. Ao longo do século passado, como já vimos, é que se opera o deslocamento de um sentido de trauma como consequência de impactos físicos e suas marcas orgânicas e corpo-



rais, para a ideia de “lesões psíquicas” graças a experiências biográficas.

Fassin e Rechtman (2009) acrescentam que, principalmente, a partir do período posterior à Segunda Guerra, e a experiência do Holocausto, a percepção de contingência do trauma foi cedendo lugar a uma relação de implicação necessária entre acontecimento e sofrimento. Ou seja, há dois movimentos discursivos a serem considerados: o deslocamento metafórico de trauma físico para trauma psíquica; e, já como trauma psíquico, o deslocamento do sujeito para o evento.

Mas, ao mesmo tempo, e isso devemos também, segundo os autores, ao resgate da memória das vítimas do Holocausto, nós temos a valorização da palavra da vítima – considerando que essa valoração não é imune à distribuição social da política do cuidado e da atenção – que permite certas adições de sentido fora do evento traumático; o sentido de trauma pode estar, por exemplo, relacionado a uma má resolução de um relacionamento pessoal.

Esses “testemunhos” de sujeitos traumatizados, no entanto, logo permitem a tipificação de novos eventos traumáticos: nas demais sequências dessa série, “os traumas relativos a experiências frustrantes em relacionamentos afetivos”, efeito de um pro-

cesso contínuo de testemunhos biográficos como fonte para novas tipificações institucionais na saúde, mas que não deixa de ter efeitos também sobre disposições jurídicas na sociedade.

Trauma como efeito de condições sociais adversas

ST30 – Em vez dos brinquedos, os traumas da evasão: escola é o primeiro espaço de socialização das crianças.

08/10/2023

Comentário e síntese

Em Análise de Discursos, “dados” e quantitativos são fatos discursivos. Em mais de 30 ocorrências, apenas uma reportagem dedicada ao “trauma como efeito de condições sociais adversas” mostra muito mais um discurso do jornal sobre as condições que podem ser designadas como traumáticas, numa clara distribuição política de temas e eventos, do que propriamente algo da realidade efetiva.

Trauma como efeito de desastres sócio-ambientais, sanitários, etc.

ST31 – Enchentes no Sul do Brasil resgatam trauma de tragédia histórica em Tubarão
17/11/2023

ST32 – Animação japonesa aborda trauma da tragédia de Fukushima: ‘Ainda não tenho certeza se fiz a coisa certa’, diz diretor.
14/04/2023

ST33 – Weyes Blood, atração do evento C6, usou trauma da pandemia para compor um dos melhores discos de 2022.
02/03/2023

Comentário e síntese

Desastres naturais, socioambientais e sanitários também costumam ser relacionados a sujeitos do trauma, e de certa forma há forte demanda pelo reconhecimento de pessoas envolvidas nestes eventos como vítimas traumatizadas. Essa demanda vem alimentada pelo que Fassin e Rechtman vão sugerir

como uma certa luta que se dá na contemporaneidade pela condição de vítima, via para o reconhecimento do estado da cidadania, que deveria ser universalizada *a priori*. Não será coincidência que essa luta pelo reconhecimento da condição da vítima se dá exatamente na proporção inversa ao declínio do estado social, declínio esse próprio aos modos de subjetivação da fase neoliberal do capitalismo. O que temos acima são alguns desses exemplos.

E é justamente pelo seu caráter de excepcionalidade, que costumam ser mais frequentes do que “traumas como efeito de condições sociais adversas”, dado o processo de normalização dessas condições por parte dos grandes meios.

Considerações finais

Este estudo parcial aponta para o fenômeno discursivo da extensão semântica do significante “trauma”, não raras vezes aproximando-se do sentido de “depressão”, “frustração”, “decepção”, “receio” ou “medo”. Mas, para a Análise de Discurso, não se trata somente de um efeito linguístico, de deslizamento na materialidade verbal ou modos de textualização. Deslocamentos de sentido são um importante modo do processo discursivo, mais tecnicamente denomi-



nados como “efeito metafórico”. Mas esse efeito, ou deslocamento de sentidos, demanda considerações sobre o processo histórico e repercussão sobre os modos de subjetivação.

Vestígios de transformação de sentidos são também indícios históricos de mudanças nos processos discursivos – não raras vezes institucionais, não poucas vezes ideológicas – e sintomas a serem observadas em novas posições-sujeitos, ou outros modos de interpelação/identificação.

Recorremos aqui ao importante conceito de Hacking, com seu nominalismo dinâmico, que tomamos por empréstimo de modo crítico: o *efeito looping*, que nós traduzimos por “efeito de laço”. A diferença entre nossa abordagem e a do pensador canadense, é que ele se detém particularmente sobre os nomes institucionais, a produzir modos de identificação do sujeito, ou os “tipos humanos”.

Do ponto de vista discursivo, muito dificilmente poderíamos pensar que, a partir de deslocamentos dos sentidos institucionalizados, em novos sentidos sociais, não haveria também novos efeitos de laço em curso, em nosso caso, dada a valoração histórica da noção de trauma.

O estudo exige evidentemente a continuidade da investigação para melhor compreensão desse fenômeno discursivo.



Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento Porto Alegre: Artmed, 2014. 992p.

CAMPOS, Iara; ALVES, Wedencley. Nomear o mal: sentidos de psicopatia e sujeito psicopata no jornal O Globo. In: SACRAMENTO, Igor. (Org.). **Mediações Comunicativas da Saúde**. 01ed. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017, v. p. 1-15.

CANAVÊZ, Fernanda. O Trauma em tempos de vítimas. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 18, n. 1, p. 39–50, jan. 2015.

ENDO, Paulo. Pensamento como margem, lacuna e falta: memória, trauma, luto e esquecimento. **Revista USP**, São Paulo, n. 98, p. 41-50, jun/jul/ago. 2013.

FASSIN, D.; RECHTMAN, R. **The empire of trauma: an inquiry in the condition of victimhood**. Princeton: Princeton University Press, 2009.

FAVERO, Ana Beatriz. **A noção de trauma em psicanálise**. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 208p. 2009.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Foucault Ed. Loyola, 2010.

FREUD, Sigmund; BREUER, Josef. **Obras completas volume 2: Estudos sobre a histeria**. São Paulo: Cia das Letras, pp. 93-1895. 240p.



GUZMAN, Marcelo Chapa; DERZI, Carla de Abreu Machado. O trauma e seu tratamento: contribuições de Freud e Lacan. **Rev. Subj.**, Fortaleza, v. 21, n. 1, p. 1-14, abr. 2021.

HACKING, I. The looping effects of human kinds. In D. Sperber, D. Premack, & A. J. Premack (Eds.), **Causal cognition: A multidisciplinary debate**. Clarendon Press/Oxford University Press, pp. 351–394, 1995.

LACAN, J. **As formações do inconsciente – O seminário, livro 5**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

MARIANI, B. A “impotência das palavras” e o indizível em Morte inventada. Notas sobre alguns testemunhos. (ou Primeiras notas sobre a função testemunhal). In: BALDINI, L.J.; BARBAI, M.A.; CAVALLARI, J.S. (Orgs) **Discurso e psicanálise: a-versão do sentido**. Campinas: Pontes Editores, p. 159 –173, 2016.

MELONI M, TESTA G. Scrutinizing the epigenetics revolution. **Biosocieties**, nov; 9 (4), p.431-456, 2014 doi: 10.1057/biosoc.2014.22. PMID: 25484911; PMCID: PMC4255066.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 13. ed. Campinas, SP: Pontes, 2020.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

POSECK, Beatriz Vera; BAQUERO, Begoña Carbelo; JÍMENEZ, María Luiza Vercina. La experiencia traumática desde la psicología positiva: resiliencia y crecimiento pós-traumático. **Papeles del Psicólogo**, vol. 27, n. 1, p. 40-49, 2006.

RIPPEL, N. ; WENDLING, C. L. ; ALVES, Wedencley . « Sentidos de Esquizofrenia na Imprensa. Uma análise lexical de base discursiva em textos da Folha de S. Paulo ». In: BALUTET, N. e MORELLO, A.A. (Org.).



Corps, genre, santé. 1ed. Toulon: Efigii - Collection Transverses, Lab. Babel; Université Toulon, 2021, v. 1, p. 1-15.

VAZ, P. Políticas do sofrimento e as narrativas midiáticas de catástrofes naturais. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 212-234, 2010.

WILKINSON, Iain. **Suffering. A Sociological introduction.** Cambridge: Polity, 2005

